



UM CONVITE A EXPERIÊNCIA E DIÁLOGO SOBRE CURRÍCULO, PRÁTICAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Adriana Angélica Ferreira
Universidade Federal de Minas Gerais – CP/UFMG, Minas Gerais, Brasil.
adrianaruga@gmail.com

Palestra/Conferência proferida no V Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) e pelo Laboratório de Educação Geográfica de Alagoas (LEGAL), ambos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), entre os dias 01 e 03 de setembro de 2021.

A DIFÍCIL TAREFA DE ESCREVER UM ENSAIO

Fui convidada pela organização do 5º Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia (V EREPEG) a escrever um ensaio motivado pela participação em uma de suas mesas redondas, com vistas a composição desse volume da Revista Contexto Geográfico. Um convite desafiador, uma vez que a opção pela escrita de um ensaio tem instigado desde muito, aqueles que se lançaram na tarefa de romper com as estruturas formais do texto acadêmico em defesa de outras formas de reflexão, que se fizessem comprometidas com o movimento do pensar, a exemplo do frankfurtiano, Theodor W. Adorno, cujo texto de 1954 “ensaio como forma”, sempre é citado como um poderoso exemplo.

De fato, a escrita de um ensaio, especialmente para o docente cujo mergulho no fazer pedagógico coloniza o seu tempo, não é algo muito fácil. Refletir sobre a prática educativa, seus processos constitutivos, apresenta-se como uma tarefa árdua no cotidiano da vida moderna, pois concorre com outros afazeres, sobretudo no contexto da pandemia de COVID-19, que vivenciamos há quase dois anos.

No entanto, aquilo que pareceu muito difícil em um primeiro momento converteu-se em inúmeras possibilidades (não menos trabalhosas), de registro para uma apresentação que feita oralmente durante o evento, pretende alcançar o formato de escrita. Assim, valendo-me de vários enunciados de Adorno, contidos no texto citado, chego às premissas que sustentarão essa escrita sobre “O Ensino de Geografia: diálogos sobre currículo, práticas e formação docente”. Para além do que foi anunciado presencialmente na fala daquela noite e possíveis conceitos cristalizados, busco com esse cauteloso texto a apresentação do movimento pelo viver, resultado de uma experiência docente individual, que nem por isso deixa de ser mediada por experiências mais abrangentes, que na quadra histórica atual tem sido marcada por perdas, negacionismo científico, retrocessos políticos e por fortes mudanças no modo de ser professor e ser estudante. Separados por três pontos, tal qual reticências de fato, as ideias aqui expressas contam com a liberdade e independência do pensamento em constante transformação e podem ser completadas pelo pensamento do próprio leitor. Por isso, não se busca uma ordem para as reflexões ou um continuum disposto em etapas. A forma faz parte dessa reflexão tanto quanto seu conteúdo.



LEMBRANDO O MESTRE

De acordo com Adorno, o gênero textual ensaio espelha os esforços e “a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (ADORNO, 2003, p.16). Assim, a primeira menção desse texto refere-se ao meu entusiasmo e admiração para com o educador Paulo Freire, cujo centenário é comemorado neste ano de 2021. Mencioná-lo é um dever. Citar seu amor, sua fé nos homens, na vocação humana em ser mais, são princípios básicos sem os quais não é possível um diálogo (FREIRE, p.112). Ao iniciar justamente o diálogo sobre currículo práticas e formação docente, para o ensino de Geografia, faço essa menção honrosa ao pensamento freiriano, especialmente nesse momento em que o agravamento da crítica ao educador ganha projeção no cenário político atual, no qual as pautas identitárias ou das minorias vêm sendo deslegitimadas e o ataque dos partidos conservadores e de direita ao seu pensamento se acentua.

Podendo também ser encarada como uma resistência para com a atitude refratária endereçada ao patrono da educação brasileira, foi possível visualizar em todo o território nacional a realização de inúmeros eventos acadêmicos e culturais, lançamentos bibliográficos, projetos de ensino, entre tantas outras formas de rememoração da vida e obra de Freire. Considerando difícil selecionar no meio das belíssimas manifestações visualizadas, aquela que pudesse ser considerada mais importante, realizo a descrição de uma das muitas imagens a que tive acesso, pois a exemplo de mônadas, termo caro a outro frankfurtiano, a saber Walter Benjamin, concentram uma imagem abreviada do mundo, que conduz a uma compreensão mais ampla da totalidade na qual está contida (BENJAMIN, 2004, p.35). A partir das várias imagens escolhidas para serem narradas, de agora em diante, realiza-se um esforço de exposição dos conceitos, com ênfase no processo de busca de conhecimento da realidade, fugindo da sua delimitação definitiva. Busca-se por meio desses exemplos narrativos ir além de suas proposições explícitas, rompendo com as certezas que estes possam causar à primeira vista, pois o ensaio negligencia a certeza incontestável, como também renuncia ao ideal dessa certeza. Como adverte Adorno, ele torna-se verdadeiro “(...) pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fosse tesouros enterrados” (ADORNO, 2003, p.30).

...

VEJAMOS! Em uma sala de aula, pregado na porta do armário, um desenho de uma criança do primeiro ciclo ocupa uma folha de papel A4, em sentido paisagem. Tomando quase metade da folha um sol de boca tremida e olhos apertados, divide a página com o enunciado escrito em letras maiúsculas “Aumenta o recreio”. Na porção inferior um túmulo jaz, colorido de marrom e com uma lápide onde está escrito: Paulo Freire. Deste emerge uma mão com a placa que reforça os mesmos dizeres do enunciado, com um coração assinando a frase.

...

Assertivamente as crianças elaboram o pensamento onde o autor de Pedagogia do Oprimido chancela seu desejo por mais tempo de fruição, representado pelo recreio. A existência de uma voz que vem do mundo dos mortos, mas que vivamente lhes reconhece o direito por um tempo menos opressor, ali se faz presente. O direito ao sol, que confuso vê tudo lá de cima, parece um contraponto ao tempo sombrio da escola, colonizado por matérias, salas fechadas e aprendizados separados da vida, elementos que vem formatando nossos currículos desde sempre.

...

Uma vez colocada enquanto condição para o diálogo, como em Freire, a fé no poder dos homens de fazer e refazer, criar e recriar, avalio que as situações que emergem desse momento de enfrentamento da pandemia do COVID-19, fornece-nos uma oportunidade essencial para o diálogo sobre nossas práticas educativas. Afinal, não foi exatamente isso que professores do mundo todo experimentaram, ou seja, a necessidade de criar e recriar suas aulas, suas abordagens, suas formas de avaliação e suas intenções pedagógicas. Outra imagem poderosa pode ser associada a essa reflexão, como uma espécie de roteiro visual daquilo que muitos professores



vivenciaram nesse período. Qualquer semelhança com o vivido pelos docentes leitores desse texto não é uma mera coincidência.

...

OBSERVEMOS! Em casa um professor, sentado em uma cadeira desconfortável, acessa a internet para ministrar suas aulas e vê janelas em caixas através das quais seus alunos e alunas são representados. As caixas, com os nomes dos estudantes ou de seus familiares, quase sempre estão com microfones mutados. Ele fala para as caixas, tem dor na lombar, ou na cervical. Carrega o peso das muitas horas de trabalho. Vê um canto de sua casa se transformar em cenário, no qual tenta disfarçar a parede que carece de pintura mudando um pouco o ângulo da sua câmera do computador ou colocando um fundo virtual. Nesse cenário de home office tudo precisa estar aparentemente bonito. Os seus enfeites devem refletir suas ideias e valores. Possui a casa, mas os aparatos do seu escritório precisam de muitas adaptações. Tenta melhorar sua conexão. Percebe que precisa de uma cadeira melhor, uma câmera, um fone ouvido, um computador ou um celular compatível com a nova realidade. Aprende a gravar e editar precariamente um vídeo. Usa plataformas de videoconferências e descobre que necessita migrar de um link para outro, quando o tempo gratuito se esgota. Cria links a cada nova hora que adentra seu final de noite e semana. Participa de lives infundáveis, webinários e cursos de curta duração, que possam lhe trazer algum aprendizado imediato sobre o mundo digital. Cansado, por vezes, deixa-se esquecido e solitário na sala virtual de alguma reunião que já acabou enquanto fazia alguma outra tarefa da casa ou cochilava inoportunamente.

....

Mas, se muitos professores “multimídias” estiveram em franca gestação nesse período, muitos foram aqueles que não conseguiram lidar com essas mudanças. E, isso tem sido o motivo de muita angústia e adoecimento docente. Ansiedade também é a palavra que define esse processo de grande exposição que o teletrabalho, ensino a distância, ensino remoto ou qualquer outro nome que venha a ter, passou a representar. Seria muito difícil imaginar que essa exposição, que se estende da casa para a sala de aula, não geraria o adoecimento que se presencia entre os professores. Henri Lefebvre (1999), de modo primoroso, em diferentes obras se dedica à reflexão do fenômeno urbano a partir de noções metodológicas, chamadas por ele de “níveis” e “dimensões”, partindo do mais global (G), e chegando ao nível privado (P), no qual se dá ênfase ao habitar. Para esse autor o habitar está relacionado às relações, até certo ponto ditas por ele como desconhecidas, da cotidianidade, e não deveria ter sido simplificado pela representação contida no termo habitat, que reduziu a ideia a alguns atos elementares dos seres humanos: comer, dormir, reproduzir-se (LEFEBVRE, 1999, p.79). Foi esse nível mais elementar da vida, desconhecido, no qual os homens têm a possibilidade de habitar como poetas, que se viu invadido e exposto por câmeras abertas da aula on-line. Nesse sentido, questões relacionadas a gravação de vídeo aulas, direitos de uso de imagem, liberdade de cátedra, compõem apenas a ponta desse iceberg. Mais profundamente temos por meio desse processo o desnudamento da sala de aula, considerada a caixa preta da educação, no sentido mais polialesco que se possa imaginar. Como exercer a liberdade educativa quando os ditames morais, religiosos e anticientíficos têm olhos vigilantes e prontos a exigir a dita neutralidade política? Sigamos.

...

Se a sala de aula historicamente representou espaço de imposição, ela também abrigou transgressões, cumplicidades, maquinações, gestou motins e muitas outras possibilidades de insurreições. O afeto, a confiança e o respeito mútuo, existente entre professores e estudantes, se estabeleceram (teimosamente) nesse espaço da sala de aula por meio de gestos simples como um olhar, que agora apagado ocupa uma caixa com um nome.

...

A linguagem e a oralidade vão ganhando outros contornos nessa relação mediada pela internet. Comporta também ganhos que quando colocados nessa balança de perdas, fazem um contraponto



necessário. O aprendizado de novas palavras, de expressões, de memes, de personagens, vão sendo apropriados lentamente pelos docentes. Marcas linguísticas, que talvez ficassem fora de escola ainda por um longo tempo caso não vivêssemos a necessidade de recriação de nossas práticas pedagógicas em função da pandemia. Sem isso, será que não ficaríamos enquanto docentes para sempre submetidos à condição de “cringe”?

COMPETÊNCIA PRESCRITA

Ao recuperar o tema da mesa, avalio que uma expectativa do leitor pudesse girar em torno da discussão afeita às influências que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desempenha sobre nossos currículos de Geografia, nossas práticas e formação docente e que de algum modo conduza para a reflexão acerca das competências e habilidades na educação. Ainda buscando a perspectiva adorniana, na qual o ensaio não “admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito” (ADORNO, 2003, p.16), a perspectiva que aqui se intenciona passa ao largo das determinações do status quo educativo e as definições da BNCC. Pesquisadores que se dedicam a essa discussão têm pontuado a interferência dos mecanismos de mercado envolvidos no gerenciamento das políticas educacionais brasileiras, que conformam a Educação Básica como um meio de produção da força de trabalho, cujas competências visam atender essencialmente ao mercado. Excelentes críticas e reflexões a esse respeito estão disponíveis no meio acadêmico e nas diferentes instituições voltadas para a organização dos trabalhadores da educação, como sindicatos e associações. Busquemos uma imagem dessa imposição formativa na discussão que envolve as competências e as tecnologias digitais na educação.

...

AVISTEMOS! No alto de uma árvore, mais especificamente uma mangueira, no município de Alenquer, no oeste do estado do Pará, um estudante do ensino médio tenta captar o sinal da internet para acompanhar as aulas remotas. Sua história ganha o cenário nacional de domingo à noite por meio de uma reportagem. Seu nome é Artur Ribeiro Mesquita. Segundo as notícias, o estudante adaptou sua "sala de aula", ao construir um suporte com tábuas para se sentar e apoiar o celular em cima da árvore, onde a conexão da internet móvel é melhor. Isto tudo para não perder os conteúdos das aulas.

...

Adaptação é a palavra de ordem que define o ensino direcionado para o desenvolvimento das competências. Uma qualidade essencial ao mercado de trabalho, que no contexto do ensino à distância trata-se, primeiramente, da aquisição de habilidades relacionadas às tecnologias digitais para só em seguida adentrar na esfera dos conhecimentos específicos disciplinares, sistematizados ao longo da história. Nesse sentido, o estudante Artur, ao adaptar seu cotidiano na copa das árvores, sintetiza exemplarmente o que se entende por competência na BNCC, ou seja, “(...) a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p.8).

...

Esse menino na árvore faz lembrar o personagem de Ítalo Calvino, Cosme Chuvasco de Rondó, do livro: “O barão nas árvores”. Um dia, após negar-se a comer o prato do almoço, o menino Cosme resolve subir às árvores de onde não pretende mais voltar ao chão. Passa sua vida toda de galho em galho, de espécie em espécie, onde aprende outra dinâmica de ser. Observa tudo a distância e do alto. Como Artur Ribeiro, que só quer aprender os conteúdos das aulas, Cosme é caracterizado como alguém que adquiriu paixão desmesurada pela leitura e pelo estudo. É encontrado habitualmente com um livro aberto “(...) acavalado em um galho cômodo, ou apoiado em uma forquilha como num banco de escola, uma folha pousada numa tabuleta, o tinteiro num oco da árvore, escrevendo com uma longa pena de pato” (CALVINO, 1991, p.115). Mas, diferente de Cosme, o jovem brasileiro quer descer à terra firme, onde pretende fazer faculdade de tecnologias do campo, para ajudar sua



família. Sua história não é uma ficção e só retrata uma das muitas situações adversas que estudantes brasileiros enfrentam, ora em cima de árvores, em canoas, nos lixões, no meio do trânsito e etc.

EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Ao escrever sobre experiência e a educação, o artigo de Jorge Larrosa (2002), intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” faz-se necessário. Além desse texto, diferentes obras desse catalão se dedicam à reflexão sobre a experiência no contexto educativo.

Como resultado de um pensamento que começa sempre de novo, regressando constantemente ao seu objeto, passo a retomada da reflexão sobre a experiência, que tem me acompanhado desde 2004 e que a cada novo exercício de elaboração teórica, quando avalio que as possibilidades de sua análise parecem se esgotar, o seu resgate torna-se indispensável. Estaria esse texto adquirindo o posto de um clássico na educação, a exemplo do que Ítalo Calvino (2007) sugere para os livros clássicos? Ou seja, aqueles que nunca terminam de dizer aquilo que tinha para dizer e que sempre estamos (re)lendo?

Fugindo da tentação de fazer da experiência um conceito (preceito que só recentemente tenho compreendido), mobilizado para um fim analítico apenas, por hora cabe dizer que a experiência pode ser traduzida em Larrosa como “(...) aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.14). Também, ao definir o sujeito da experiência este autor o qualifica como alguém cuja vida está impregnada da dimensão da travessia e do perigo, aproximando-se da elaboração de Martin Heidegger, para quem o exercício da experiência significa, entre outras coisas, deixar-se ser tocado por aquilo que lhe acontece, de tal maneira que o vivido se apodera de seu ser: “(...) fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma” (LARROSA, 2002, p.25). Diante disso, para Jorge Larrosa, o sujeito da experiência é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. É alguém que perde seus poderes, porque aquilo que faz experiência dele se apodera. Desse modo, como não ser tocado pela descrição a seguir?

...

EXPERIMENTEMOS! As primeiras notícias chegam à família e aos amigos contando que foi necessário ir para o hospital. O diagnóstico é COVI-19. Por vezes, entre as primeiras notícias e a necessidade de ser entubado decorrem poucos dias ou horas. As últimas palavras ditas quase sempre sugerem a intenção de voltar logo para a casa. Seguido de complicações, o veredito final da partida derradeira assalta a todos. Um susto imenso. Impotentes sentimos, choramos, lamentamos.

...

Sem necessidade de uma grande exposição dos sentidos atribuídos à situação descrita é possível afirmar que essa experiência humana não está dada em si, mas no modo como somos assaltados pelos acontecimentos decorrentes dessa pandemia. Por mais que cada brasileiro possa lamentar os aproximadamente 610 mil mortos, que na data de produção desse ensaio já estão registrados, a experiência da COVID-19 é aquela que nos tomba e nos toca através de nossas perdas mais próximas. A minha experiência tem nome, Andréia Alves e Marli Nunes, queridas colegas e amigas do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG). Buscando nessa experiência o aspecto humanizador, acredita-se que aquilo que toca nossos estudantes, sua experiência com a morte e com a vida, devem ser os fundamentos do currículo comprometido com o desenvolvimento social, a alteridade, a democracia, a justiça e a solidariedade.

...

Para Larrosa (2016), explorar as possibilidades de um pensamento da educação, elaborado a partir da experiência, exige-se primeiramente a reivindicação da experiência, sua dignificação e a valorização daquilo que tanto a filosofia como a ciência menosprezaram tradicionalmente, a saber: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida



(LARROSA, 2016, p.40). Portanto, uma maneira de reivindicar a experiência da finitude e da vida pode se dar por meio das poderosas narrativas existenciais desse tempo de pandemia, que vão ganhando vida e podem integrar nossos currículos. Narrativas que quando enunciadas aos nossos educando-os podem colocá-los em contato com a dor dos outros, para recuperar o termo que dá título ao livro de Susan Sontag (2003). Como, por exemplo, a obra mais recente da nigeriana Chimamanda Adiche (2021), que fala sobre a morte do pai e o luto na pandemia: “Notas sobre o luto”. Tal qual essa autora, quantos não foram os nossos estudantes que seguiram se perguntando como andar pelo mundo e funcionando depois de perder seus entes queridos?

...

Semelhante a produção de Jorge Larrosa, outra referência importante para o diálogo acerca da experiência encontra-se nas obras de Walter Benjamin, autor que já foi invocado nesse texto. A filósofa e estudiosa da sua obra, Jeanne Marie Gagnebin (1987a; 2006b), situa o entendimento acerca do conceito de experiência em Benjamin e seu lastro em uma teoria narrativa. A experiência (Erfahrung), no sentido forte do termo desenvolvido pela filosofia, pode ser associada à possibilidade de compartilhamento de uma tradição por parte de uma comunidade humana. Tradição que é retomada e transformada, em cada geração, na continuidade das palavras transmitidas de pai para filho. O exercício da narração enquanto partilha coletiva de uma memória e de palavras comuns é que confere sentido a essa experiência. O declínio da experiência (Verfall der Erfahrung) pode ser associado ao declínio da arte de contar no mundo capitalista moderno — no tempo da grande indústria — em detrimento da ascensão da experiência vivida, ou seja, a vivência (Erlebnis), característica do indivíduo solitário.

...

APRENDAMOS! Em sala o professor pede aos estudantes que registrem através da escolha de cinco palavras, aquelas que consideram as mais representativas do Brasil. Não estipula nenhum critério. Entre elementos do clima, da cultura, da política, da sociedade, um se destaca e lhe chama atenção: o cachorro caramelo. Destaca-se porque na verdade ele não entende o que é. Na internet encontra imagens e a definição do vira-lata caramelo, que como o próprio nome diz, trata-se de um cachorro sem raça definida, que se popularizou por ser encontrado com facilidade pelo Brasil. Tal cachorro passou a ser considerado um patrimônio nacional, a compor campanhas publicitárias e ilustrar diferentes tipos de produtos. Sua representação é seguida de qualidades tais como, afetuoso, resiliente, resistente, sem pedigree... Vai se popularizando e mesclando-se com a representação do bom homem, que ainda nos tempos de hoje povoa as imagens acerca dos brasileiros para o senso comum.

...

COMPREENDAMOS! O ano é 2016. A queda a partir de um impeachment da presidenta do Brasil se efetiva como o resultado de uma trama jurídica, midiática e parlamentar. Nesse momento, figuras bizarras saem de seus lugares para votar favoravelmente a esse processo, em nome da família, da propriedade privada, de torturadores. Algo muito ruim começa a ser gestado em termos de narrativas políticas. Passam-se dois anos. Em 2018, acontecem eleições presidenciais. Fake news tomam conta do país. Líder nas pesquisas até a véspera, a ex-presidenta chega em quarto lugar na disputa por uma vaga ao senado em seu estado de origem. Uma monitora da Educação de Jovens e Adultos recebe uma mensagem pelo grupo de WhatsApp da turma na qual leciona. Na mensagem o rosto desfigurado da presidenta Dilma, como de quem foi atropelado e uma notícia falsa sobre a mesma. A jovem professora pede desculpa à turma e deixa o grupo temporariamente. Nunca tinha recebido de sua rede de contatos mensagem parecida. Se assusta ao descobrir que não compartilha um solo comum com seus alunos e alunas. Um desafio educativo se anuncia.

...



O termo narrativa tem ganhado popularidade e adquirido centralidade nos discursos modernos. Tudo nos chega no formato de narrativas. No entanto, a despeito dessa realidade afeita a identificação da representação de mundo através das narrativas contemporâneas, a experiência torna-se cada vez mais rara. Walter Benjamin, em uma espécie de antevisão do que viveríamos, se colocou como um crítico da informação, dos periodismos e da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Ao situar a necessidade de um solo comum para a realização da troca de experiência narrativas, nos ajuda a entender a carência desse momento histórico.

Fruto desse momento, presenciamos a transição de um tipo de comunicação narrativa, que até poucas décadas se pautava na cultura de massa, para chegar nos moldes atuais de exposição, que se caracterizam pela circulação da informação em bolhas. Apesar de toda a crítica que se possa fazer a cultura de massa e sua reprodução alienante, avalia-se que um universo comum de produções, cultura e ideias eram socializados nesse contexto. A transmissão de uma memória cultural coletiva, conferia aos alcançados pela indústria cultural a sensação de que pertenciam ao mesmo mundo onde outras pessoas compartilhavam coisas parecidas. Até mesmo esse solo comum sofreu modificações e se “desmancha no ar”. Noves fora todo romantismo: um outro modo de reprodução da vida, com um outro tipo de indústria cultural se agiganta. Mesmo em meio a superexposição, viabilizada pelas possibilidades de exaltação de uma sociedade do espetáculo, – com a espetacularização da vida privada –, uma pessoa pode viver atualmente em uma bolha cultural, ideológica, de conhecimento, de contatos, sem ter a menor ideia do que o outro consome no âmbito da informação. Acrescenta-se a esse processo, a veiculação de informações falsas, que passam a definir processos básicos da vida e a confirmar teorias negacionistas.

Não se pretende negar com essa reflexão as conquistas que decorrem da circulação da informação por meio da rede de internet. Basta para isso pensar no próprio fazer acadêmico e pedagógico e na facilidade do acesso à produção do conhecimento. A menção a essa questão tem razão de ser, pois o processo de consolidação de bolhas comunicativas impacta diretamente a escola. A exemplo do cachorro caramelo e das fake news sobre a ex-presidenta do Brasil, apresentados anteriormente, tem sido muito difícil para o professor acompanhar o que circula em um incontável número de bolas vivenciadas por seus estudantes, a fim de estabelecer uma contextualização entre o vivido e as aulas de Geografia.

Esse fenômeno, como tantos outros em curso, incidem sobre os docentes de modo diferenciado. Tem-se, por exemplo, os professores que estão há mais tempo na sala de aula e foram revirados do avesso por essas mudanças e aqueles que, fruto da geração pós anos oitenta, já experimentam outra percepção quanto ao fragmentário que configura esse tempo das redes. O diálogo entre esses extremos faz-se urgente e necessário. A troca entre estes dois opostos deve ser a tônica da formação docente, na qual nem as percepções cristalizadas temporalmente e nem as vanguardas radicais, são isentas de críticas.

...

ACOLHAMOS! Um estudante no meio da aula on-line escreve no chat: “Eu estou muito ansioso”. Não tinha nenhuma relação com o tema do debate daquele dia. Saiu da sua existência para a escrita, porque talvez não coubesse mais dentro dele.

...

Assim, apresento a reflexão final desse texto, que não tem pretensão de conclusão. Ao contrário, tem uma intenção interrogativa, como muitas das indagações que estão ao longo do mesmo. Diante desse cenário, em consonância com as narrativas expostas, qual adulto desejamos e/ou queremos formar e como nossos currículos contribuem para isso? Como podemos subverter a lógica neoliberal de formação para o mundo do trabalho, onde a ansiedade impera, para dar lugar aos homens e as mulheres de passos mais lentos?

Que possamos acolher as vozes desses alunos tão ansiosos e de nós mesmos, quase todos à beira da exaustão....



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. Notas sobre o luto. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. Notas de Literatura I. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p.15-46.
- BENJAMIN, Walter. A origem do drama trágico alemão. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v.1).
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2yGJZsb>>. Acesso em: 3 novembro de 2021.
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? São Paulo: Companhia de Bolso, 1991.
- _____. O barão nas árvores. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 74. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GAGNEBIN, Jeanne M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p.7-19. (Obras escolhidas, v.1).
- _____. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006b. p.49-57.
- LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n.19, p. 20-28, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v.2).
- _____. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras escolhidas, v.3).
- _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v.1).
- LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- _____. Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

